



Lîla

Costumam dizer que o céu é azul, mas é mentira. Hoje de manhã choveu e, da janela dava para ver tudo branco, nem cinza era! À tardinha é laranja, e de noite é preto. Mas, bonito mesmo é depois do laranja, antes do preto, quando o lilás, misturado com rosa.

Eu gosto muito de rosa, mas, ainda assim, prefiro lilás. O lilás é rosa puxado para azul, mais claro que o roxo.

Outro dia, aprendi que lilás também é nome de flor. E apesar de nunca ter visto um lilás, já vi muita violeta dessa cor. Isso porque minha mãe gosta de enfeitar a janela da frente com violetas e violeta é bom porque é baratinho, vende na feira.

Por causa disso, o meu avô da mala, que é um velho metido, diz que violeta é flor de pobre, “sem graça que só ela”, ele diz, “flor tímida, afundada nas próprias folhas”. Mas eu não acredito!

Por ser mais barata, a violeta bem que podia enfeitar a vida de todo mundo, na janela e até no céu, pois eu acho que o céu, quando lilás, parece flor de violeta: Das nuvens, as pétalas, do sol, o miolo... A essas horas do dia, gosto de deitar, olhos fechados, no cimentado do quintal e ver as cores mais lindas refletidas no fundo das pálpebras!

Já, das rosas, não se pode dizer o mesmo, porque a rosa é mais cara. Além disso, ela é cheia de espinhos! E, de rosa do céu, só ouvi falar da tal flor de Hiroshima, que explode e que mata... Mas, ainda melhores que as violetas são as flores de mato que crescem aqui em casa e que mais parecem estrelinhas miúdas! Às vezes, gosto de colhê-las para fazer buquês de estrelas. Os de lá do alto são chamados constelação... “Não aponta pra estrela que dá verruga no dedo!”, minha irmã diz, e nisso eu acredito, embora nunca me tenha crescido nenhuma...

À noitinha, gosto de olhar pro céu e ouvir minha mãe meditar sobre os mistérios do espaço, toda vez ela mostra as três Marias, do cinturão de Órion, a única constelação que conhece, mas, mesmo assim, acho legal! Penso que as três Marias devem ser minha mãe e as irmãs, pois todas elas têm nome Maria.

Além delas, tem também tio Pedro, que é Hare Krishna e que, por isso, usa um cabelo engraçado, a cabeça careca, rabo de cavalo. Toda vez que vem aqui em casa, ele faz um passeio pelo quintal, experimentando ervas e nomeando o mato, capim-santo, hortelã, boldo, dente-de-leão, babosa... Um dia, perdido entre tantos nomes, ele disse que “Lîla” vem do sânscrito e significa “jogo de Deus”. Nesse mesmo dia, descobri que Deus não era nem velhinho nada! Ao invés disso, era criança arteira divertida da criação, construindo e desfazendo tudo...

E da nossa festa, bolo de tijolo, brigadeiro de barro, pipoca de flor de estrela... Não sobrou nada, que a mãe chamou... “Joga isso fora!”. E tudo por culpa do Dinho, o vizinho da rua, que botou um brigadeiro na boca, de verdade! É que ele é bem bobinho e, de tão pequeno, coitado, não sabia que era de fingimento! Mas eu, ainda agora, sinto o gostinho de estrela na boca... Deve ser da pipoca! Que a pi-poca explode na língua! Pi-poca! Pi-poca!

Uma vez eu li que “pipoca” vem do tupi “pira-poka”, pele estourada! E isso porque a casca do milho explode, e a que não explode vira piruá, obra do Saci. Na escola, na semana do folclore, que não é “folclore”, mas “cultura”, a gente aprendeu a história do saci e a do curupira, mas a mais bonita é a da Cobra-Grande, que esticando, esticando, virou o planeta terra, a Cobra-Grande. Sobre sua pele, cresceram rios, florestas e montes, corpo que abriga todas as coisas vivas.

Mas, ao deitar de bruços, ela nos negou a imortalidade e é por isso que existe o mal! Tivesse ela deitado de dorso, as coisas seriam bem diferentes... Psiu! Silêncio! Cuidado pra não acordar a Cobra-Grande! Das serpentes, tem ainda a da maçã... Mas essa eu não aprendi na semana do folclore, eu aprendi na primeira série, com a professora Bete. A professora Bete era bem boazinha e sempre nos contava histórias! Só que essa ela contou diferente, dizendo que a fruta proibida era a uva e não a maçã, como pensam as pessoas. Por causa disso, alguns colegas da sala não gostaram, mas eu nem liguei e achei a história da professora Bete muito linda. Depois, eu até contei essa história pra minha mãe, que achou curioso o detalhe da uva, e, além disso, ela ficou impressionada como eu tinha aprendido a narrar direitinho.

A única coisa chata era que, toda vez que chegava visita em casa, ela pedia pra eu contar de novo, e eu ficava com vergonha. Aí todo mundo dizia “A Lîla é embaraçada” e eu não gosto disso porque deve é de ser xingamento! E o meu cabelo sempre embaraça! Aquele monte de fiozinho embolado, grudando o pente...

Mas, pensando bem, até que não é tão mau todo embaraço! Por exemplo, história também tem fio, também tem nó e muitas delas têm até vários fiozinhos dentro, tipo aquelas que são formadas por um monte de historinhas juntas, cada uma com um nó. E, desse monte de nó, vira embaraço... Que nem esse embolado de histórias aqui na minha cabeça, uva enroscada. Quer saber?! A uva bem que deve ser a fruta proibida mesmo... Porque, além de mais gostosa, ela é mais cara e, aqui em casa, só se come uva fim de ano no natal, quando aniversário do Deus menino.

E foi ele que fez perdoar o pecado da fruta! Afinal, eu não entendo por que é que o pai dele ficou bravo com a humanidade porque a minha mãe sempre diz que é pra comer todas as frutas, senão elas estragam.

Mas, aí, deve ter sido pela desobediência mesmo...

Além disso, eu ainda tenho para mim que Adão e Eva tacaram pedra na árvore, o que é algo muito grave! Vai que quebraram a vidraça de Deus?! Nisso eu não quero nem pensar... De qualquer forma, dessas coisas a gente nunca vai saber porque a história não conta, talvez, pra não dar mau exemplo às crianças... Mesmo assim, foi tudo por culpa da serpente porque foi ela que ensinou a desobedecer, eu só não sei se essa é a mesma que a da história da Cobra-Grande, pois a bíblia não fala de nenhuma sucuri. Mas, se fosse, isso seria uma nova razão pra ela ter sido castigada e virado planeta, além disso, a sucuri, de tão grande que é, seria bem capaz de devorar um homem, a humanidade inteira, quem sabe.

Chego a pensar que ela é igual ao mal que existe em sua tamanha enormidade.

Eu, particularmente, nunca vi uma sucuri, que ela é lá da Amazônia, mas, um dia apareceu uma serpente aqui no quintal, e ela devia ser filhote porque era bem pequenininha. Foi meu pai que viu primeiro. Apesar do tamanho, ela era bastante arisca, cara de má, mostrava a língua pra todo mundo! Meu pai tentou pegá-la pra devolvê-la ao mato, mas não conseguiu, pois parecia estar com medo, embora não confessasse... Até que o japonês da esquina, que estava passando na rua, viu e voltou com um pote de vidro, aí ele prendeu a serpente, levando embora. Na hora, eu ainda temi pela sorte da serpentinha, apesar de má, porque, uma vez, meu pai me disse que tem japonês que come até cobra! Mas, depois eu perguntei pra minha mãe e ela falou que não era nada disso, que o seu Tomio tinha levado a serpente pra um instituto que fazia "soro antiofídico".

Daí eu descobri que o soro que cura mal provocado por veneno de cobra era produzido a partir do próprio veneno. Foi então que eu percebi que, às vezes, o mal também carrega em si sua própria cura.

E aqui, deitada no dorso da Cobra-Grande, a Sukurijú emplumada, mãe da humanidade, ouço o seu pulsar, que é, na verdade, o pulsar da terra. Da Mãe-terra que nutre e ameaça, absorvendo nossos dias, nossas lembranças... No céu, flor lilás. Não importa o tempo, não importa o espaço, ao menos nesse instante, sempre haverá esse pequeno pedaço de lilás.

Fim.